

ZÉLIA  
GATTAI

*Città di Roma*



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2012 by Gattai Produções Artísticas Ltda.  
1<sup>a</sup> edição, Record, Rio de Janeiro, 2000

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Projeto gráfico*  
Rita da Costa Aguiar

*Imagen da capa*  
Xilogravura de Calasans Neto

*Imagens*  
Acervo Fundação Casa de Jorge Amado

*Preparação*  
Cacilda Guerra

*Revisão*  
Valquíria Della Pozza  
Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Gattai, Zélia, 1916-2008.  
Città di Roma / Zélia Gattai. — 1<sup>ª</sup> ed. São Paulo : Companhia das  
Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2037-6

1. Escritores brasileiros — Autobiografia 2. Gattai, Zélia, 1916-2008  
3. Memórias autobiográficas I. Título.

---

11-14801 CDD-928.699

Índice para catálogo sistemático:

1. Escritores brasileiros : Memórias autobiográficas 928.699

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORAS SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone (11) 3707-3500  
Fax (11) 3707-3501  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

## TIA HIENA

Tia Hiena estaria festejando 111 anos de idade, não tivesse morrido aos dois.

Passei a infância e adolescência ouvindo a família — mamãe, mais do que todos — lamentar o triste fim da menina, a mais nova dos quatro irmãos de seu marido nascidos na Itália.

Ao contar aos filhos a história de Hiena, mamãe não abria mão de mencionar o título da criança, “tia”. Um dia lhe perguntei:

— Por que ela se chamava Hiena, mãe?

A resposta não se fez esperar:

— *Ela*, não! Mais respeito, menina! *Titia* Hiena.

Eu perguntara por perguntar, o que eu queria mesmo era atazarar mamãe, fazendo-a repetir o que já estava farta de saber, tantas vezes a ouvira repetir o fato.

Minhas irmãs mais velhas haviam até procurado no dicionário referências sobre o animal que originara o nome de nossa tia.

Do pouco que sabíamos sobre a hiena — da característica pitoresca e simpática, a das gargalhadas sonoras e escancaradas — o verbete não tratava, dizia apenas: “Mamífero, carnívoro e digitígrado que se alimenta sobretudo de carne de animais mortos e putrefatos e que tem pelo cinza ou ruivo com manchas escuras...” .

Curiosa, Wanda, a mais velha de minhas irmãs, teve a pachorra de procurar no dito dicionário o significado de “digitígrado”. E lá estava: “... que anda nas pontas dos dedos...”.

Imaginação fértil de criança, eu visualizava a hiena andando mansamente nas pontas de uns dedos longos, focinho levantado para o céu, bocarra escancarada, dentões à mostra, rindo a bandeiras despregadas. Chegava a me arrepiar.

Nos dias de hoje, o falado *chupa-cabra* que andou ocupando as manchetes dos jornais, animal misterioso que matava cabras e ovelhas, sugando-lhes o sangue, uma espécie de fantasma, bicho-papão de criadores de gado e pequenos lavradores, lobsomem que nunca ninguém viu e que assim como veio se foi, faz-me pensar na hiena.

Cada qual guardou do chupa-cabra a imagem criada pela própria imaginação. Quanto a mim, como já disse, comparei-o à risonha e asquerosa hiena, com seus pelos fulvos e manchas escuras, a caminhar nas pontas de seus longos dedos, lembrança que guardei da minha fantasia de criança.

## *NONNO GATTAI*

Dona Angelina, minha mãe, costumava dizer: “O avô de vocês, o *nonno* Gattai, era um homem destemido. Livre-pensador, de ideias avançadas, dizia o que pensava, fazia o que achava justo e direito. Passava por maus pedaços devido às suas ideias, mas não recuava. Era um testardo, um obstinado”, concluía.

“*Nonna* Argia, em vez, era uma santa. Concordava com tudo o que o marido dizia e fazia, nunca reclamava.” “Uma bo-boca”, ouvi certa vez Wanda murmurar entre dentes para não ser ouvida pela mãe. “Casou-se cedo, e ao completar trinta anos

teve seu quinto filho, uma menina. Naquela época”, explicava mamãe, “as mulheres tinham tantos filhos quantos Deus lhes mandasse. Não havia essa de evitar filhos. Por isso as famílias eram numerosas. A sorte de *nonna* Argia era ter boa natureza, como eu, só pegava filho de dois em dois anos. Enquanto ornamentasse não engravidava. Vejam só. Quando a Zélia nasceu eu tinha 25 anos e nunca mais tive nenhum filho, só os cinco.”

Ao ouvir essa conversa, um dia, papai brincou comigo, dizendo: “Você está aqui por pura sorte. O trem já havia saído da estação quando você chegou correndo. Correu, correu e se agarrou na rabeira do último vagão”. Essa gracinha de papai fez-me pensar algumas vezes, em momentos difíceis: “Eu devia ter perdido o trem...”.

Mamãe não costumava deixar uma história pela metade, nada de rabos. Podiam interrompê-la, quantas vezes quisessem, que ela voltava à carga, retomava o fio da meada:

“*Nonna* Argia ainda teve dois filhos, no Brasil: tia Dina e tio Remo.”

## *NONNO GATTAI REGISTRA A FILHA*

“*Nonno* Gattai foi registrar a filha. Desencavara para lhe dar um nome polêmico, ótimo para escandalizar. Sem consultar a mulher, talvez com receio de que pela primeira vez ela estrilasse, saiu de casa, satisfeito da vida, imaginando o espanto do escrivão do cartório, o primeiro a se horrorizar com o nome que ele arranjara para a filha, o primeiro a receber a resposta já prontinha, na ponta da língua.

“Antegozando o impacto que a provação iria causar, saiu seu Gattai, feliz da vida, assobiando pelas ruas de Florença, o cartório não ficava distante de sua casa.

“De pé, diante do homem que o atendia, Francesco Gattai aguardava a esperada reação. Não esperou muito.

— Como foi que o senhor disse? Que nome quer dar à sua filha? — perguntava o escrivão sem poder acreditar em seus ouvidos.

— Hiena. Escreva aí, não vou repetir outra vez — disse o pai da criança.

— Por que o senhor quer dar à sua filha o nome de um animal tão repugnante? Por quê?

Francesco Arnaldo soltou a frase já pronta para escapulir:

— Se o papa pode ser Leão, por que minha filha não pode ser Hiena?

O funcionário ficou sem resposta, não discutiu mais, registrou a criança.”

— Fosse eu o escrivão — disse Vera, minha irmã, interrompendo mamãe —, tinha dado uma boa resposta. Eu diria: “Olha aqui, moço, o Leão é o rei dos animais e a Hiena é um bicho nojento...”. Foi uma pena ele não lembrar disso. Só queria ver com que cara o *nonno* Gattai ia ficar...

— Você agora está contra seu avô, menina? — reclamou mamãe. — Você não ia ver cara nenhuma. Isso aconteceu há tantos anos que vocês ainda nem *sonhavam* sair da casca do ovo...

## O EMBARQUE

A família Gattai preparava-se para uma longa viagem. O passaporte familiar estava pronto. Pai: Francesco Arnaldo Gattai; mãe: Argia Fagnoni Gattai; filhos: Guerrando, dez anos; Rina, oito anos; Aurélio, seis anos; Ernesto, quatro anos; Hiena, dois anos.

Engajados a um grupo de cerca de 150 pessoas, homens das mais diversas condições sociais e profissionais, verdadeiros heróis empunhando a chama revolucionária, que partiam para fundar uma colônia experimental socialista no Brasil, a Colônia Cecília, em terras no Paraná doadas pelo imperador Pedro II: nessa leva, partiu a família Gattai, em fevereiro de 1890.

Esses homens iam cheios de entusiasmo e esperança, dispostos a reformar o mundo, começando pelo Brasil. As mulheres, ao contrário dos maridos, partiam resignadas, cheias de dúvidas, mortas de preocupação.

No porto de Gênova o grupo embarcou no *Città di Roma*.

## TIO GUERRANDO

Nunca mamãe, nem papai, souberam explicar onde o “velho Gattai” fora arranjar um nome tão estrambótico para o filho. O que significava Guerrando? Nem mesmo o próprio sabia. Relativo a guerra, guerreiro guerreando? Nome único que dava margem a enganos divertidos como o da carta que titio recebeu: “Sr. Gerando Gattas”, ou o do outro cidadão, que foi à sua casa procurar o Quaranta Gatti. Mamãe se encantou com essa dos “quarenta gatos” e, desde então, deu-lhe o apelido de Quaranta, pelas costas, claro, que tio Guerrando não era de muita brincadeira e não dava ousadias.

Irmão mais velho de papai, tio Guerrando era quem mais sabia sobre a terrível viagem no *Città di Roma*, sobre a experiência da família na Colônia Cecília. Completara dez anos na ocasião e lembrava-se de muita coisa.

## ADELE MANTOVANI

Tia Adele, mulher de tio Guerrando, na opinião de mamãe, era uma santa, mais do que isso, “é uma mártir”, dizia a cunhada.

— Por que mártir, mãe? — quis saber um dia.

— Você acha pouco, cuidar de dez filhos, sem empregada, cozinhando, fazendo tudo sozinha, sempre no pavor de engravidar de novo? Aturar um marido muito bom quando não está de veneta?

Mãe de dez filhos, tia Adele vivia para a família. Não ia a parte alguma, não saía de casa a não ser pela manhã, quando ia ao açougue e ao armazém fazer as compras do dia.

Eu gostava demais de tia Adele. Me enternecia o seu jeito triste, suas negras olheiras no rosto sofrido.

Segundo ouvi, como quem não está ouvindo, conversa de gente grande, depois do nascimento do décimo filho, Alfredo, tia Adele tomara uma resolução: “fechar a porteira”, por ela o marido não entraria mais. Essa decisão criara um choque muito grande entre o casal, ela fez pé firme e ele teve que se conformar a pulso... Não completou a dúzia de filhos.

Eu nunca soube a idade de tia Adele. No meu raciocínio de criança ela era velha, uma velha de menos de quarenta anos. Para mim, mamãe também era velha, com pouco mais de trinta. Aprendi, vivendo, que o nosso conceito de juventude ou de velhice vai mudando com o passar dos anos. Hoje em dia fico chocada ao ver uma mulher de sessenta anos ser chamada de anciã.

Mamãe tinha razão, tia Adele trabalhava demais. As três filhas crescidas ajudavam um pouco. A mais velha, Argia, trabalhava num ateliê de costura, Norma e Irma davam uma mãozinha na arrumação da casa.

A família de tio Guerrando morava na mesma rua que nós,

na mesma alameda Santos. Eles, perto da Bela Cintra, e nós, da Consolação. Um quarteirão, apenas, e dois lampiões a gás, iluminando a rua, separavam nossas famílias. Sempre que podia eu ia visitar tia Adele. Irma, minha prima, quatro anos mais velha do que eu, era minha amiga, era ela quem lavava a louça do jantar e arrumava a cozinha. A pilha de pratos sujos era enorme, talheres de não acabar, e eu, às vezes, a ajudava enxugando os talheres. Irma não se fiava de me confiar os pratos e as travessas, temia que eu os quebrasse. Me humilhava: “Você é ainda muito pequena...”. Por ser pequena, ela abusava fazendo-me de leva e traz de bilhetes para Joãozinho de Oliveira, seu namorado.

Tia Adele, creio, gostava tanto de mim quanto eu dela. Quando me via chegar, sorria:

— Você vai me pentear hoje?

— Se a senhora quiser, tia...

As tarefas do dia concluídas, as crianças na cama, tia Adele sentava na sala, soltava os cabelos, longa cabeleira negra e ondulada. Ao vê-la de cabelos esticados, presos num birote no cocuruto, ninguém poderia imaginar que ela pudesse se tornar tão bela de cabelos soltos.

De pente e escova em punho, eu me regalava fazendo penteados, no maior capricho. Titia costumava dizer: “Vejam só! Nenhum de meus filhos gosta de me pentear, nenhum tem paciência...”.

Eu me acabava, inventando modas: cabelos de bandós, tranças de índia americana, trança circundando a testa, como a coroa de espinhos de Jesus Cristo... depois lhe mostrava o espelho e titia ria.

Algumas vezes, enquanto exercia a arte de cabeleireira, ficava ouvindo tio Guerrando contar as histórias da viagem da família no *Città di Roma*. Meus primos em volta, também eles interessados na narrativa do pai a contar a odisseia da família

e o triste fim de tia Hiena, faziam-lhe perguntas, sobretudo o menorzinho, Mário, o mais curioso.

As histórias que titio contava eram quase todas minhas conhecidas, ouvidas nos serões lá de casa, na versão de meus pais, mas, vez ou outra, cabia-me um detalhe novo, por exemplo, o da bandeira brasileira, que só tio Guerrando lembrava.

## A VIAGEM

“A travessia de Gênova para o porto de Santos foi longa e pesada”, contava tio Guerrando. “Não posso esquecer. Amontoados e tristes como gado a caminho do matadouro, os imigrantes enjoavam nos porões escuros e quentes, ao lado das caldeiras do navio, um verdadeiro inferno. A gente ia aguentando sem reclamar. Todo mundo tinha um medo terrível de ficar doente e acabar morrendo em alto-mar.

“Vocês sabiam, não é?”, explicava titio, “nos navios daquela época não havia frigoríficos para conservar os cadáveres, e os corpos de quem morresse durante a travessia eram jogados ao mar.

“Hiena ainda mamava e o leite de mamãe era seu alimento principal. Como eu era o mais velho dos filhos”, prosseguia tio Guerrando, “fui encarregado de cuidar de meus irmãos mais novos, pois mamãe começou a passar mal, com enjoos e tonturas, e não tinha condições de olhar por nós.

“A viagem parecia não ter fim e, com tanto sofrimento, o leite de mamãe acabou secando. Minha irmãzinha não estava acostumada com outros alimentos, mas foi obrigada a comer o que todos comiam, isto é, comida pesada, gordurosa, um horror! O resultado, como vocês podem imaginar, foi desastroso. Deu uma disenteria daquelas na menina. O médico de bordo foi chamado, deu um remedinho, mas a diarreia continuou.

“Mamãe ficou desesperada, chorava sem parar, soluçava e repetia: ‘Se minha filha morrer, eu morro com ela, me atiro no mar...’.

“Meu pai, homem corajoso e animado, de repente ficou calado, triste. Vai ver que ele se sente culpado do que está acontecendo, pensei. Eu acho que era isso mesmo.

“Coitado de meu pai, devia estar sofrendo muito, não saía de perto da mulher e da filha. Desanimado, ele faltava até às reuniões que o grupo da colônia organizava. Aqueles *compagni* sempre tinham assuntos pra discutir.”

— Eles discutiam, brigavam? — perguntei, curiosa.

— Não era discussão de briga, era só conversa...

“Às vezes eu me encostava pra ver se pescava alguma coisa do que diziam, mas não entendia patavina”, riu tio Guerrando, “acabava dormindo.”

“Um dia”, contava meu tio, “eu saí atrás de meus irmãozinhos, Aurélio e Ernesto, teu pai, terrível como você”, me disse, rindo. “Eles tinham sumido, escapado da minha vigilância. Onde diabo eles teriam ido se meter? Procurava os dois, na maior aflição, já tinha vasculhado todos os cantos do navio quando lembrei de entrar no depósito de bagagens. Sabem quem encontrei lá? Meu pai. O *nonno* estava sentado em cima de um baú, ali escondido, chorando. Não cheguei perto, fiquei calado, só olhando. Ele não me viu porque estava com as mãos no rosto. Eu nunca pensei que pudesse ver um dia uma coisa daquelas: meu pai, um homem tão forte, tão corajoso, chorando. Nunca imaginara que meu pai soubesse chorar... Confesso que fiquei triste, desapontado, ao ver meu pai soluçando daquele jeito.

“Da mesma maneira que entrei no depósito, saí. Saí bem devagarinho, não queria que ele me visse, não queria que meu pai se envergonhasse de fazer um papel daqueles diante do filho. Ele nunca soube que eu vi. Nunca contei.

“Encontrei em seguida os moleques, levei os dois, quase arrastados, para mamãe puxar as orelhas deles. Mas ela não puxou: ‘Poverini...’, disse.

“Felizmente estávamos chegando ao porto de Santos, ainda um dia de viagem, e minha irmãzinha não iria acabar na boca dos peixes, nem ela nem a *mamma*.”

## POSTO DE IMIGRAÇÃO SANITÁRIA

“Aquela viagem miserável ainda não tinha acabado”, contava tio Guerrando. “Havia a maior confusão no porto, uma gritaria dos diabos, uma loucura! Eram filhos perdidos dos pais, eram pais procurando os filhos no meio da multidão.

“Finalmente, chegaram uns caras que levaram todo mundo para um barracão. Separaram os homens das mulheres: homem pra cá, mulher pra lá. Eu era um menino de dez anos, grande, e não sabia se podia ficar no lado das mulheres, com minha mãe, de olho nas crianças. Completamente desnorteada, com a menina quase morta nos braços, minha mãe não tinha condições de olhar pela Rina, novinha, ainda sem juízo, e pelos dois moleques que, na certa, iam ficar com ela. Meu pai falou com o pessoal que organizava a coisa, e, por fim, me deixaram ficar entre as mulheres.

“Levaram nossa roupa de corpo e também as que trazíamos nas trouxas.”

— Levaram as roupas? Queriam roubar? — perguntou Bruno, admirado.

Tio Guerrando riu, tratou de explicar:

— Foi o serviço sanitário que mandou recolher as roupas, as nossas e as de todo mundo...

— E pra quê? — Bruno estava curioso, como todos nós que ouvíamos a história.